

*Economia - Brasil*

25 OUT 1998

# PANORAMA ECONÔMICO

O GLOBO



MÍRIAM LEITÃO

## Insustentáveis

• Os juros vão cair rapidamente, este ano ainda, para níveis próximos do que estavam antes do choque de setembro. É o que afirmam fontes do Governo. É também o que pensam pessoas como Dionísio Carneiro, Gustavo Loyola, Paulo Cesar Ximenes. Não é portanto torcida, ou choro de empresários. É uma avaliação baseada na constatação de que os juros estão alimentando de forma perigosa o déficit público e são mortais para a economia.

— Os juros vão cair forte e rapidamente. E será na sequência: anuncia-se o ajuste fiscal, fecha-se o acordo com o Fundo Monetário no começo de novembro, e em seguida os juros caem — afirma um economista da equipe econômica.

A imagem que Dionísio Carneiro, economista da PUC, faz do que o país está vivendo é dramática. Lembrando daquele tempo em que se dizia que o erro dos planos econômicos era que o Brasil fazia anestesia mas não a cirurgia, ele compara.

— Agora é como se o Banco Central tivesse decidido cortar o paciente de cima para baixo. Isto torna a cirurgia obrigatória. Se o país demorar muito com o ajuste fiscal, não será mais cirurgia e sim autópsia.

Gustavo Loyola concorda com esta imagem.

— A estratégia é inteligente porque empurrou o país para fazer o que ele tinha mesmo que fazer. Revela a ação de um Banco Central independente, mas cria dilemas mortais para a economia — afirma Loyola.

Há muita desaprovação entre os economistas da decisão de aumentos simétricos e repetitivos de 0,10% de juros ao dia. Mas há uma consciência clara de que a elevação dos juros naquele momento foi inevitável para defender a moeda. Só que a consequência da decisão amplificou o sentido de urgência.

Juros em 40%, e subindo, para uma economia com inflação zero, estão criando para a economia uma série de riscos fatais.

Banco que tenha grande volume de empréstimos concedidos em taxas prefixadas, contratadas antes da elevação das taxas, estão amargando um duro prejuízo. O Banco do Brasil tem apenas R\$ 2 bilhões em crédito pré. O "apenas" se justifica pelo total de crédito do banco, que é de R\$ 30 bilhões.

Mas os juros ampliam também a inadimplência, o que afeta a saúde dos bancos. Uma das

vantagens do Brasil ao enfrentar esta crise foi a de já ter feito o ajuste bancário. Mas os juros podem provocar desequilíbrios no sistema bancário.

Empresas dos vários setores da economia fizeram nos últimos anos um doloroso e profundo ajuste para aumentar a competitividade numa economia que escolheu ser aberta. As empresas brasileiras fizeram progressos extraordinários em aumento de produtividade. São hoje mais ágeis, mais eficientes e têm margens de lucro menores. Colhidas pelo vendaval dos juros altos, elas podem perder seu ajuste. Este é o segundo choque de juros em 12 meses, e coincidiu de ser sempre no último trimestre do ano, que sazonalmente é o melhor momento da economia.

Mas estes juros são mortais principalmente para o Governo. Não há ajuste fiscal possível se eles forem mantidos por muito tempo neste nível.

— Para se chegar à estabilização da dívida como proporção do PIB será preciso, além de um superávit primário de 2,6%, uma queda muito rápida dos juros. No mínimo tem que se reduzir para os níveis que estavam antes de setembro. Não há alternativa. A política monetária é insustentável — diz Gustavo Loyola.

A mesma palavra se repete em outras declarações.

— Não tenho dúvida. O nível destes juros é insustentável, — afirma Ximenes.

Ele ressalva que por enquanto eles têm que permanecer altos, mas acrescenta que acredita numa queda.

— Eu aposto numa queda rápida para os níveis anteriores de 19%. Mas o ideal seria que caíssem para 12%, 13%, o que só será possível no ano 2000 — afirmou.

Na equipe econômica, quando se fala deste assunto a palavra insustentável aparece também com freqüência. A aposta é em queda ainda este ano.

## Acerto de contas

• O Banco do Brasil transfere por ano para a Previ um total de R\$ 540 milhões, informa o presidente do BB, Paulo Cesar Ximenes. Além disso, o BB deve ao fundo R\$ 5 bilhões. Isto é parte do acordo feito no ano

passado em que a Previ assumiu o pagamento dos aposentados, usando para isto a parcela do lucro que teria que transferir ao banco. Como não deu para cobrir todo o passivo atuarial, o resto virou dívida do banco.

## Outro lado

• Olhando os dados da pesquisa da Price-Coopers, divulgada esta semana como prova de que os empresários estão cortando investimento, vejamos: 45,3% vão manter os investimentos apesar da conjuntura ser assustadora. E 18,9% vão aumentar. Ou seja: a maioria vai manter ou aumentar seus projetos, apesar de tudo.

## É pênalti!

• O bilionário François Pinault, dono do Grupo Artémis, é apaixonado por arte e futebol. Quando comprou a casa de leilão Christie's, arrematou aqui a Ático Cultural. Agora quer resolver o futebol. Na França o time do Rennes, da primeira divisão, é seu. Agora chamou para uma conversa o América mineiro.

■ ■ ■ ■ ■

• O BBV vai abrir 40 agências? Do jeito que os espanhóis estão chegando, parece até a vingança do Tratado de Tordesilhas.

• CONTRASTE: A Delsul, concessionária Fiat de Botafogo, passou quase toda a semana com um carro no estoque. A montadora atrasou a reposição e o pátio ficou vazio.

• OS EMPRESÁRIOS não desistem. Foram ao Governo apresentar o pedido de, pasmem, recriar o Befix, um sistema explícito de incentivo que funcionou no velho Brasil.

COM DIRCEU VIANA

E-mail para esta coluna: paneco@oglobo.com.br